

EDUCAÇÃO

Número Temático - vol. 11 n. 1 - 2021

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2021v11n1p40-53



“O CARA É PEGADOR!”: RODAS DE CONVERSA SOBRE MASCULINIDADES TÓXICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA BAIANA

“THE DUDE IS A WOMANIZER!”: CONVERSATION WHEELS ABOUT TOXIC MASCULINITIES IN A BAHIA’S PUBLIC SCHOOL

“EL CHICO ES MUJERIEGO!”: RUEDAS DE CONVERSACIÓN SOBRE MASCULINIDADES TÓXICAS EN UNA ESCUELA PÚBLICA DE BAHÍA

Francis Fonseca Oliveira¹
Ramon Victor Belmonte Fontes²

RESUMO

Com o objetivo de promover um ambiente de conscientização e reconhecimento das características que constroem masculinidades tóxicas foram realizadas rodas de conversa semiestruturadas com jovens homens cisgêneros do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública baiana. A perspectiva metodológica está baseada nos estudos masculinistas e nas pedagogias transgressoras que oferecem caminhos para discutir e problematizar as masculinidades com/para homens. O relato da experiência é tecido ao longo dessa escrita e versa sobre reconhecimento de estruturas discursivas em torno da noção de masculinidade hegemônica e sua consequente toxicidade no bojo das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidades. Educação. Intervenção Pedagógica. Pedagogias Transgressoras

ABSTRACT

To promote an environment of awareness and recognition of the characteristics that build toxic masculinities, semi-structured conversation circles were held with young cisgender men from the third year of high school in a public school in Bahia. The methodological perspective is based on masculinist studies and transgressive pedagogies that offer ways to discuss and problematize masculinities with/for men. The experience report is woven throughout this writing and deals with the recognition of discursive structures around the notion of hegemonic masculinity and its consequent toxicity in social relations.

KEYWORDS

Masculinities; Education; Pedagogical intervention; Transgressive Pedagogies

RESUMEN

Con el fin de promover un ambiente de conciencia y reconocimiento de las características que construyen masculinidades tóxicas, se realizaron círculos de conversación semiestructurados con jóvenes hombres cisgéneros de tercer año de secundaria en una escuela pública de Bahía. La perspectiva metodológica se basa en estudios masculinistas y pedagogías transgresoras que ofrecen formas de discutir y problematizar las masculinidades con/para los hombres. El relato de experiencia se teje a lo largo de este escrito y trata del reconocimiento de estructuras discursivas en torno a la noción de masculinidad hegemónica y su consecuente toxicidad en medio de las relaciones sociales.

PALABRAS CLAVE

Masculinidades; Educación; Intervención pedagógica; Pedagogías Transgresoras

1 INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado é fruto de um projeto de intervenção pedagógica, proposto como um dos trabalhos finais da primeira turma do Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade na Educação (UAB/CAPES/UFBA). Promover um ambiente de conscientização e reconhecimento das características que constroem masculinidades tóxicas em jovens homens, cisgêneros, do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública baiana foi o objetivo principal da ação.

É no tecido social, mediado por diversas pedagogias, que se constrói a noção de masculino e conseqüentemente a sua forjada hegemonia perante as estruturas de poder. Problematicar tais construções discursivas e seus arranjos de poder tem sido a tendência dos estudos fundamentados numa matriz feminista contemporânea para/sobre os estudos sobre homens e masculinidades, os chamados “estudos masculinistas”. A partir de tais perspectivas podemos dizer que há uma ação no intuito de re/des/construção daquilo que temos chamado, aqui, de masculinidade hegemônica cisgênera, isto é, levando em conta uma mirada interseccional é importante repensar a própria noção de diversidade dentro disso que temos entendido no pensamento ocidental como masculino ou a ideia de.

Nesse processo de construção de uma intervenção pedagógica escolar somado às vivências na docência e em ambientes de pesquisa, pudemos perceber como as demandas da sexualidade e gênero vão se delimitando, ganhando voz e vez no cenário social, principalmente, no que se refere aos jovens homens. Espaços sociais diversos onde se afluaram questões hierárquicas pelos quais jovens homens se posicionam e se constituem como sociedade.

Diante do crescimento dos estudos das masculinidades no país e das críticas elaboradas a partir de tais reflexões, faz-se necessário atividades de intervenção com jovens homens para compreender as intersecções possíveis a partir do que foi construído ao longo do tempo como “masculinidade/masculino” e, o que torna essa escrita mais potente é a discussão sobre o quão tóxicas são essas produções discursivas e ações desse masculino hegemônico.

A perspectiva deste projeto de intervenção centra-se nas masculinidades cisgêneras por dois motivos: o primeiro diz respeito à vivência dos autores que compõem a escrita, identificados a partir da cisgeneridade e a segunda diz respeito à ausência, no território onde a intervenção foi proposta, de vivências ou identidades transgêneras, o que permitiria um maior diálogo e ampliação dos limites do que temos refletido aqui em termos de masculinidades e/ou masculinidades tóxicas/hegemônicas.

Assim, pelo caráter de importância que o fenômeno da masculinidade instaura, diante dos discursos e representações no tecido social, intervenções com jovens homens visam conhecer como se dão as construções das subjetividades masculinas e os processos que as legitimam, bem como os atravessamentos que a raça, a classe, o gênero, a idade, o território produzem sobre esse signo do “masculino”.

Além disso, a busca pelo entendimento desse fenômeno é uma ferramenta necessária para a transmissão de ideias que colaborem no processo de fissura na lógica dominante sobre o masculino hegemônico cisgênero como único pano de fundo inteligível para a construção das masculinidades e a atenção para políticas públicas que vislumbrem a equidade de gênero. Por outro lado, contribuir nas

discussões dessas temáticas revela-se importante para a atuação em ambientes educacionais, uma vez que amplia as perspectivas de atuação profissional para docentes e educadores, além de cidadãos.

Portanto, de maneira panorâmica, pretendemos investigar e sensibilizar, por meio de rodas de conversas, os discursos de jovens homens cisgêneros de uma escola pública baiana como estratégias de empoderamento, na promoção de um mundo menos desigual no que tange às construções de sexualidade e gênero, bem como, problematizar a concepção do modelo hegemônico masculino e construir possibilidades mais plurais e menos violentas do discurso em torno da ideia de masculino.

2 METODOLOGIA

A roda de conversa semiestruturada, a partir dos estudos masculinistas e das pedagogias transgressoras, foi aplicada como um método capaz de permitir o encontro, as reflexões e diálogos entre os participantes e aplicadores. A participação foi voluntária mediante a aceitação dos jovens por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na modalidade de pesquisa qualitativa.

Os problemas levantados pela roda de conversa foram semiestruturados e ajudaram na identificação das hierarquias de poder nas relações sociais que privilegiam o corpo masculino jovem. A escolha por tal método garantiu o debate livre e aberto para novas reflexões que surgiram a partir dos posicionamentos dos participantes e coaduna com o entendimento de Maria Rosa e Marlene Arnoldi (2008, p. 146) a qual nos diz o seguinte sobre o método de entrevista: “[ele] valoriza a presença do entrevistador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Apesar das autoras se referirem nesta análise ao conceito de entrevista, encontramos proximidade entre os dois métodos já que ambos se baseiam em um olhar interrogativo, como em uma entrevista, uma vez que há a conversa mediada por perguntas centrais feitas pelas pessoas entrevistadoras/mediadoras.

O método rodas de conversas conduz as discussões de forma dinâmica, contribui para que a temática seja discutida de maneira aberta e acessível aos jovens além de favorecer a relação interpessoal e a comunicação entre as pessoas participantes e a pessoa interventora. A metodologia aqui é considerada também como uma “estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social de coletivos historicamente excluídos” (SAMPAIO et al., 2014, p. 1300).

Tal perspectiva coaduna com a noção de pedagogias transgressoras (SOARES; FONTES, 2019) na qual *os corpos* (de todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar), *os afetos*, *as políticas de representatividade* e *as experiências pessoais e coletivas* são mobilizadas na produção de outros caminhos, menos normalizadores e normativos, de construção de saberes em território escolar, nesse sentido as pedagogias transgressoras, aliada às miradas interseccionais constituem-se numa metodologia potente, como sintetiza as autoras:

Por burlar, através de muitos caminhos, um *modus operandi* clássico de ensino e aprendizagem (percebidos facilmente nas pedagogias tradicionais), as quatro pedagogias trans-

gressoras sugeridas por nós deslocam o lugar dx professorx, dx estudante e a da Escola e propõem desafios complexos que servem para refletir sobre a própria cena escolar em diálogo com as múltiplas diferenças presentes na sociedade. (SOARES; FONTES, 2019, p. 48).

Desta forma, as rodas de conversas se mostram como estratégias de intervenção pedagógica, favorecendo a produção re/des/construção de narrativas dos jovens sobre suas perspectivas sobre as masculinidades hegemônicas cisgêneras podendo re/conhecer como elas possuem toxicidade no âmbito social e potencialmente abrir espaço para o exercício em conjunto de aprender-ensinar, co-participando e de caráter emancipatório.

A proposta consistiu em fazer duas rodas de conversa com jovens homens de duas turmas de terceiro ano do ensino médio na sala da biblioteca de uma escola estadual baiana. Os jovens tinham entre dezesseis e dezessete anos de idade e totalizavam vinte pessoas, para os objetivos da intervenção, nas duas turmas matutinas. Os encontros foram no horário oposto ao de estudo e teve duração de quatro horas cada.

Um dos autores atua como professor da matéria de Biologia e após ministrar assuntos sobre genética percebeu a necessidade de falar sobre os assuntos que compõem a criação do discurso social do que é ser homem, mulher. Ao ouvir discursos biologizantes como forma de justificativa e legitimação para atos discriminatórios, a intervenção pedagógica com estudantes, em sala de aula, mostrou-se necessária ao contexto.

Quatorze jovens compareceram às rodas de conversa. Segundo o que assegura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi preservado o anonimato dos participantes da pesquisa. Não objetivando a origem dos discursos e sim as percepções sobre os temas abordados é que justificamos a ausência das autodeclarações e outros marcadores, como crença e prática religiosa, exercício de profissões, suas e dos pais, entre outros temas que surgiram nas rodas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário “O silêncio dos homens”³ foi exibido para dar início aos debates da primeira roda e, segundo os participantes, foi necessário para o exercício de reconhecimento e implicação nos exemplos sobre o que torna tóxica a masculinidade que parecem naturais e, por isso, são esquecidos ou negligenciados no processo de educação dos indivíduos. Logo em seguida as discussões sobre aspectos tóxicos das masculinidades foram apontadas em seis categorias que serão analisadas a seguir:

1 ATRIBUIR FUNÇÕES ESPECÍFICAS E COMPORTAMENTOS OBRIGATÓRIOS

Nesse momento, os estudantes pontuaram que a masculinidade tóxica está atrelada a um sistema de atribuição de funções obrigatórias na sociedade. Mais especificamente eles falavam sobre a necessidade de “*se mostrar homem pra sociedade*”. Com isso, um dos participantes reconheceu que

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 14 nov. 2020.

há uma estrutura social que regula os corpos e normatiza os comportamentos masculinos. Fazendo com que para continuidade do status social seja necessária a garantia desses comportamentos, por exemplo como apontou um dos jovens “*tipo ter que ficar pegando muitas mulheres*”. Esse conceito de “homem” é confundido pelos estudantes com o conceito de “heterossexual”.

Além da heterossexualidade compulsória, para ser homem a quantidade de relações sexuais também é característica marcante da sexualidade masculina. Em suas narrativas, utilizados pelo verbo “pegar”, que o homem precisa se relacionar com várias parceiras. Termos como “macho” e “dominante” reproduzem no discurso uma hierarquia dos corpos, potencializando a dicotomia entre homens/mulheres e homens/homens.

Reiterar o padrão da heterossexualidade supõe uma necessidade imposta às pessoas que sejam, devam ser, ou ao menos se comportem de maneira heterossexual. Aqueles desviantes da heteronorma poderão sofrer sanções na perspectiva de reeducação, restabelecidos nos moldes heterossexuais (comportamento, atitude), subjugados, inferiorizados, desempoderados e de maneira mais punitiva, excluídos, ignorados e silenciados (LOURO, 2009).

2 IDENTIDADES / NÃO MOSTRAR FRAGILIDADE

De maneira simbólica o debate na roda de conversa representou os papéis sociais esperados para os homens que são perpassados pela família, religião e cultura. “*Fala com a voz grossa!*”, “*Não rebo-la!*”, “*Não chora!*”, são exclamações presentes na socialização dos meninos. Tais repressões, instauraram no corpo uma violência de auto vigília, um afastamento do que se é esperado do feminino e de maneira mais profunda a homofobia e misoginia das práticas discursivas. Felipe e Bello (2009, p. 148) apontam uma discussão sobre a masculinidade imposta aos corpos:

[...] em muitas famílias especialmente os pais (homens) se sentem extremamente ameaçados na sua própria masculinidade quando seus filhos, embora pequenos, não dão sinais claros de masculinidade. Por exemplo, meninos que têm a voz fina ou que mostram interesse por objetos e brincadeiras de meninas, ou que têm uma postura corporal mais afeminada são vistos como homossexuais em potencial, despertando assim um excesso de preocupação por parte dos pais.

Essa repressão não é exclusiva de fora para dentro do sujeito. Sendo este, imerso a esse meio de representações, a cobrança quando interiorizada potencializa níveis de violência os tornando mais visíveis. Por outro lado, cabe ao homem ocultar os sentimentos, com a finalidade de não pôr em xeque sua masculinidade. Socialmente é permitido às mulheres a exposição de seus sentimentos, suas inseguranças e isso não as desqualifica como mulher (NOLASCO, 2001).

Foi recorrente entre os participantes a ideia de que, ao masculino, a força em controlar os impulsos emocionais é o que os definem como “homens de verdade”. Aqueles que fogem a essa regra, aproximam-se do feminino e têm suas identidades postas em dúvida. O reconhecimento dessa atitude, faz com que meninos “cresçam aprendendo que para tornar-se homem de ‘verdade’ deve-se eliminar de suas vidas a experiência e a expressão de certas emoções” (NOLASCO, 2001, p. 81).

Ocultar os sentimentos para muitos homens, é a estratégia de manter-se na condição “confortável” dos padrões hegemônicos presentes. Já que no processo de socialização masculina, os meninos vivem sobre vigilância de um olhar inquisitorial sobre seus comportamentos, no qual qualquer expressão de ternura, carinho, choro, ou dor é diretamente associada a um desvio da heterossexualidade. Portanto, os jovens homens são orientados a serem discretos e ocultarem seus sentimentos e dificuldades (NOLASCO, 1993).

3 VIOLÊNCIA

Ao masculino, a violência se apresenta como uma forma social de poder. Ela é uma garantia ou até estratégia de empoderamento masculino (CORNEAU, 1995). Porém, o comportamento agressivo traz consigo ônus para os/as autores/as de violência. O reconhecimento da violência como fator tóxico das masculinidades foi aquilo que mais foi debatido durante a segunda roda. A adoção de práticas violentas gera graves danos à saúde física e emocional para eles/as e para os/as outros/as, além de ser geradora de potenciais problemas sociais, como vulnerabilidade, cárcere e exclusão social.

Ao ter sido reconhecido por unanimidade dos participantes o debate apontou para a construção sociocultural do trinômio juventude-vulnerabilidade-masculinidade. Ao encontrar esses termos associados nas falas dos jovens compreende-se a extrema necessidade de se refletir sobre os aspectos negativos que a violência exerce na construção das masculinidades.

Os estudantes que “fazem academia” e mantêm uma rotina de práticas direcionadas à modificação do corpo (dieta, anabolizantes, complementação alimentar etc.) chamaram atenção para o fato de que muitas dessas práticas, inclusive a produção discursiva e social sobre elas, reforçam a violência como um signo intimamente ligado à masculinidade. Para Miriam Abramovay (2004), a posição e situação familiar dos indivíduos aumentam a incidência de jovens do sexo masculino não só como vítimas, mas também como agressores.

Esta realidade é discutida teoricamente em estudos que propõem uma reflexão sobre a construção da masculinidade hegemônica baseada em valores de violência (BREINES; CONNELL; EIDE, 2000), entre esses valores estão a virilidade dos corpos masculinos com definição muscular, a imposição de medo, a performance agressiva e raivosa e até a banalização do uso de armas como estratégias de hierarquização nas relações (NOLASCO, 2001).

As falas apontaram para a violência no seu contexto amplo, não apenas em relação homem/mulher, mas e, principalmente, na tensão das relações de poder entre homens que geram aspectos violentos com mais frequência. A violência não é uma relação de exclusividade entre homens e mulheres, mas também ela opera nos processos de sociabilização entre os homens (WELZER-LANG, 2001). Tais práticas culturais acionam nossa atenção em relação aos discursos legitimadores da dominação masculina, que geram na cultura casos de estupros e violências outras contra os infantes e jovens, violando seus direitos fundamentais e seus corpos.

4 NATURALIZAÇÃO DO PODER

Nas conversas os participantes refletiram que a mídia, o corpo, a religião e outros discursos sociais, convocam os homens a posicionarem-se em hierarquias de poder. As marcas que a cultura instaura nos corpos e práticas do masculino, são intermediados pelas instâncias de poder. Os partici-

pantes falaram que “*se sentem com poder*” quando estão à frente, na tomada de decisões, quando coordenam situações e põem-se em autoridade diante dos outros. Esses depoimentos remetem ao que se é esperado, pela cultura, do homem no cenário das discussões: a responsabilidade autoritária.

Segundo Nolasco (1993, p. 32), “os homens, ainda hoje, trazem uma consciência sobre eles mesmos produzidas por conceitos vagos de autoridade e tradição como referência para definirem o masculino”. Ainda que sejam reproduzidos esses conceitos pelos estudantes, a fala de um dos participantes alerta para a construção subjetiva das masculinidades: “*Mas a gente tem que pensar que quando um cara se sente o foda, tem o outro que se sente um lixo por não fazer isso [pegar todo mundo]*”. Ao considerar os dois polos de uma relação de poder (superior-inferior, opressor-oprimido), ele contesta a autoridade como referência masculina e amplia a visão sobre a pluralidade masculina.

5 PROVIDOR

Aqui, os estudantes trouxeram questões relacionadas a paternidade que refletem sobre o exercício da paternidade associado apenas ao aspecto provedor dos pais e de como esse fator distancia suas relações.

Alguns estudantes são de famílias reconstituídas, outros mesmo morando com os pais biológicos, apontaram como figuras paternas pais, padrastos, avós e professores. A concepção da paternidade segundo Benedito Medrado e colaboradores não pode ser definida de maneira singular, como premissa, ela é plural (MEDRADO et al., 2011). Nesse contexto o ato de expressar seus sentimentos e a positividade ao declarem suas figuras paternas apontam para um dado poderoso: a relação Pai-Filho. Nessa perspectiva, diversos estudos objetivaram questionar as concepções de filhos sobre os pais e como resultados, apontaram para a necessidade de uma maior aproximação sentimental na construção mútua dessa relação (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002).

Nolasco (1995), em *A desconstrução do Masculino*, afirma existir uma tensão na relação vivida entre os sujeitos e o pai. O produto gerado nessa tensa relação é um sofrimento constante alicerçado na descrença por parte dos pais de possíveis pontes de interação, expressão e reconhecimento das ânsias afetivas do filho. Essa tensão extrapola a marca biológica, ela é relacionada ao que se constrói (sócio-histórico-culturalmente) sobre o *modus operandi* da paternidade.

Paternidade afirmada por Saraiva (1998 apud HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 54), como “uma experiência humana profundamente implicada com propósitos sociais e institucionais que a legitima, ou seja, uma construção que deve ser compreendida face ao contexto sociocultural de um tempo”. Diante disso, os estudantes assinalam suas concepções contrapondo-as às narrativas positivas, alertando a necessidade de aproximação no íntimo de suas famílias.

Ao discutir sobre a relação de proximidade exercida de maneira subjetiva a cada contexto familiar, a paternidade é aqui inserida em um contexto também cultural e relacional que é aprendido e repassado pelos sujeitos, nas formas de ser ou não ser um futuro pai, que um dos estudantes chama de “*pai de verdade*”. Esses traços de ensinamento, podem ser transgeracionais e passados pelas gerações por meio de diversas instâncias sociais e relacionais.

A masculinidade e a paternidade formam uma relação em que um conceito fortalece o outro mutuamente, garantindo e reafirmando o modelo hegemônico de autoridade e poder desempenhado pelos

homens (NOLASCO, 1993), alertado pelas falas dos estudantes principalmente no viés financeiro e refletindo sobre a ausência no contexto de proximidade íntima e espiritual.

6 IMUTABILIDADE DE DOGMAS

Metade dos participantes da roda de conversa falou sobre religião. Assinalaram as interpretações pessoais das perspectivas religiosas que professam acerca das concepções das masculinidades contemporâneas. Nas suas falas, expuseram a maneira como os discursos reiteram o padrão de hegemonia masculina, a perspectiva da/s religião/ões sobre as masculinidades desviantes do modelo hegemônico, além da transmissão de conhecimentos sobre a identidade geracional que é reproduzido por diversas religiões.

Sendo o Brasil um país de fortes influências cristãs, as representações morais e éticas religiosas “impõem” o que é aceitável e permitido na sexualidade. Dissolvido no âmbito das relações, tais representações limitam e constroem subjetividades a quem as segue e, até mesmo, quem não é cristão (BUSIN, 2011). Considerando, então, a religião como uma instituição social muito presente no Brasil, as falas dos meninos apontaram dados em relação à homossexualidade que reproduzem e legitimam o preconceito contra pessoas LGBTQIA+.

A dificuldade de nomear as vivências que diferem da norma é percebida nas narrativas e nos gestos dos estudantes participantes, ao gesticular com o punho para baixo e se referir à homossexualidade como “*isso*”, os alunos exprimiram sentido depreciativo e pejorativo. Tais visões levam a questionar sob que parâmetros esses indivíduos estão se baseando para condenar religiosamente a homossexualidade masculina. Segundo Valéria Busin (2011), a condenação atual da homossexualidade masculina está baseada na leitura, compreensão e interpretação de algumas passagens bíblicas [Gênesis (19), Juízes (19) e Levítico (18.22 e 20.13)].

A concepção alicerçada no arcabouço religioso, reproduz e estigmatiza uma hegemonia na sexualidade que obriga indivíduos a ocuparem posições hierárquicas no discurso, categorizando e por si só empoderando e desempoderando identidades. Estando em um polo “seguro” e privilegiado, a heterossexualidade masculina e, no polo vigiado e oprimido, as outras identidades que se aproximam do feminino (WELZER-LANG, 2001).

O segundo encontro aconteceu com a premissa de que fosse feito uma avaliação de nossos diálogos, para que relembássemos os pontos diretamente relacionados com a masculinidade tóxica/hegemônica. Esse momento foi cercado de tensão sobre as falas e algumas concepções ainda arraigadas de resquícios machistas e misóginos que foram pontuados e retrabalhados.

De maneira geral o debate das rodas de conversas alcançou o seu objetivo central de reconhecimento e diálogo sobre as toxicidades da masculinidade hegemônica em diversos contextos, mesmo entendendo o caráter de continuidade necessário para a modificação de comportamento. O encerramento das discussões reforçou o aspecto de autopercepção que se deve manter sobre práticas, discursos e narrativas machistas e tóxicas em nosso cotidiano e de como reconhecer os privilégios da masculinidade hegemônica é prejudicial para quem se distancia dela e para quem luta para conseguí-la, alertando para uma possível compreensão crítica da realidade.

4 APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL

A realização da intervenção pedagógica assume um diálogo necessário com diversos campos do saber, por isso angariamos posicionamentos de autoras pós-estruturalistas para pontuar o gênero como categoria plural (BUTLER, 2008; BENTO, 2006) e não apenas o gênero inteligível e hegemônico. Para Butler (2008), não há uma identidade por trás das expressões de gênero, há uma produção de subjetividades, performativamente constituídas por meio de ficções discursivas, que dão rosto a materialidades, produzindo substância, naturalizando-as. Tendo como modelo de referência o patriarcado, o conceito de masculinidade hegemônica assume que, no âmbito das relações de gênero, configura-se, por meio de uma dominação masculina e de subordinação feminina (CONNELL, 1995).

El patriarcado es un sistema social en el cual los hombres gozamos de privilegio. Como los hombres somos los privilegiados, la masculinidad también lo es. La masculinidad es el conjunto de características y roles general y típicamente asociados a los hombres. (HERNANN, 2017, p. 56).

Os padrões de hegemonia não se assumem como o ‘normal’, mas certamente são normativas dos corpos e práticas. “Ela [a masculinidade hegemônica] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e, legítima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245) e entre homens (WELZER-LANG, 2001).

Conversar com jovens homens sobre o panorama de produção sobre as masculinidades e juventudes visibiliza o quadro de desenvolvimento de perspectivas e análises, de muitos esforços de pesquisadores/as masculinistas.

Estudos sob diversas vertentes, enunciam a pluralidade das masculinidades e as assimetrias e hierarquizações de gênero, que nascem das relações sociais (MEDRADO; LYRA, 2008; PRETTO, 2008). Desde a década de 1980, há um aumento dos estudos sobre as masculinidades, incluindo homens (CONNELL, 1995), homens trans (BENTO, 2006) e masculinidades femininas (HALBERSTAM, 1998) em discussões sobre a sexualidade e os direitos reprodutivos, reflexo dos estudos de gênero encabeçados pelos movimentos feministas (PRETTO, 2008).

É, portanto, situando esta intervenção pedagógica nas concepções e vivências de juventudes e masculinidades, que interrogo categorias que permitem uma maior compreensão do mundo de referenciais, signos e significados de masculinidades juvenis e como elas ganham toxicidade, por meio do panorama de suas percepções em diversos cenários sociais, como os que inserem o público-alvo proposto (PERALVA, 2007).

5 CONCLUSÃO

O processo de reflexão consciente sobre as masculinidades e como elas se relacionam socialmente foi amplamente debatido nas mais diversas intersecções. Houve múltiplas percepções sobre

diversidade de marcadores sociais, culturais que re/des/constroem um corpo e um ser, não no sentido de determinismo, mas de pertencimento. Além de que, como o clima de produção da intervenção foi frutífero ele abre espaço para a realização de novos debates e novas formas de se discutir gênero e sexualidade na educação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. A iniciação sexual dos jovens. In: ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. (org.). **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. p. 67-129.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BREINES, I.; CONNELL, R; EIDE, I. **Male roles**: masculinities and violence, a culture of peace perspective. Paris: UNESCO, 2000.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. **Revista de estudos da religião**, v. 11, n. 1, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 245, 2013.

CONNELL, R. W. **Masculinities**: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

CORNEAU, G. Paternidade e masculinidade. In: NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

FELIPE, J.; BELLO, A. T. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 141-158.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 44-68, 2002.

HERNANN, A. Cuatro consejos desde la trinchera de los aliados feministas. *In: No nacemos machos*: cinco ensayos para repensar el ser hombre en el patriarcado. Ciudad de México: Ediciones la social, 2017. p. 56.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. *In: JUNQUEIRA, R. D. Diversidade sexual na educação*: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

MEDRADO, B.; LYRA, J.; Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Rev. Estud. Fem.*, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MEDRADO, B.; LYRA, J.; TONELI, M. J. F.; TRINDADE, Z. A.; VALENTE, M.; QUIRINO, T.; MACHADO, M.; FELIPE, D.; OLIVEIRA, L.; DANTAS, L. G.; SILVA, M. C.; GONDIM. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades (org.). *In: TONELI, M. J. F.; MEDRADO, B.; TRINDADE, Z. A. LYRA, J. O pai está esperando?* Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 25-52.

NOLASCO. *De Tarzan a Homer Simpson*: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

NOLASCO. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

NOLASCO. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. *In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p. 13-27.

PRETTO, J. O velho atualizado, o novo reinventado: homens, masculinidade tradicional hegemônica e relações amorosas. *In: LAGO, M. C. S.; TONELI, M. J. F.; BEIRAS, A.; VAVASSORI, M. B.; MULLER, R. C. F. (org.). Gênero e pesquisa em psicologia social*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa*: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SAMPAIO, J.; SANTOS, G. C.; AGOSTINI, M.; SALVADOR, A. S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface: Comunicação Saúde Educação*, Supl 2, n. 18, p. 1299-1312, 2014.

SOARES, M. R.; FONTES, R. *Pedagogias transgressoras*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2019.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Ano 9, v. 2, p. 460- 482, 2001.

Recebido em: 25 de Maio de 2021

Avaliado em: 4 de Junho 2021

Aceito em: 25 de Junho 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestre em Psicologia Social – UFS; Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação – UFBA; Pós-graduando no Ensino de Ciências – IFBA; Professor de Ciências Biológicas – UFS. E-mail: francis_fonseca@hotmail.com

2 Mestre em Cultura e Sociedade – PosCultura/UFBA; Especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens – UNIJORGE; Doutorando em Literatura e Cultura – PPGLit-Cult/UFBA; Multiartista afrodiaspórico.
E-mail: ramon_fontes@hotmail.com.br



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

